



MAIO 2018

**CARTA DE CONJUNTURA DO
SETOR DE SEGUROS**

Sumário

Palavra do presidente.....	4
Objetivo.....	5
1. Carta de Conjuntura	6
2. Estatísticas dos Corretores de SP	7
3. Análise macroeconômica	8
4. Análise do setor de seguros.....	13
4.1. Receita de seguros	
4.2. Receita de seguros por tipo.....	15
4.3. Receita de resseguro local e capitalização	17
4.4. Receita do segmento de saúde suplementar	19
4.5. Reservas	20
4.6. Rentabilidade do setor.....	21
5. Análise do setor de seguros.....	23
6. Previsões	24



Mensagem

Momento de atenção em relação ao cenário econômico

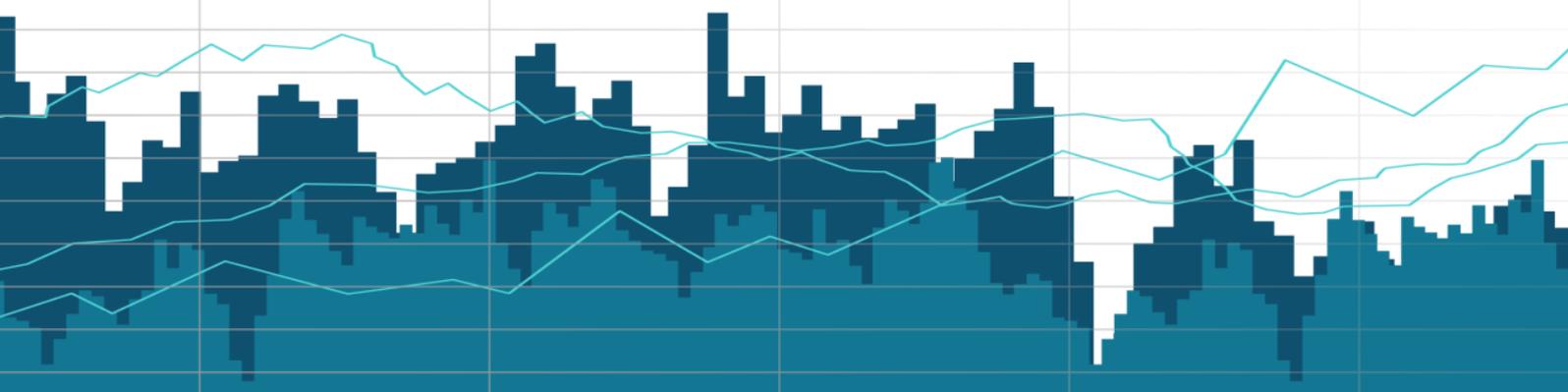
O ano de 2018, convencionado como o ano da retomada do crescimento da economia brasileira e, por consequência, dos setores, começou com bons números e otimismo dos executivos no segmento de seguros. Nos dados dos quatro primeiros meses deste ano, se comparados ao mesmo período do ano anterior, a elevação de receita total foi de 7% (com o DPVAT) e 8% sem levar em conta esse ramo no cálculo. Especificamente em ramos elementares, no mesmo raciocínio, o valor passou de 5% para 7%, com e sem DPVAT. Já o segmento de pessoas cresceu 11%, tornando-se destaque e superando com folga a taxa de inflação.

No entanto, neste fim do primeiro semestre o otimismo começa a dar espaço para preocupação. Já existem sinais de estagnação em determinados números, o que vem alertando os agentes econômicos. O desemprego voltou a subir e a previsão de crescimento no País em 2018 começou a cair. Também preocupa a instabilidade política, agravada pelo fato de que nesse ano eleitoral os candidatos que surgem como favoritos à presidência não se comprometem com algum tipo de reforma econômica, o que sinaliza que o problema pode continuar.

A previsão de crescimento para o Brasil ainda existe, mas, neste cenário, tende a diminuir com o tempo. Tudo leva a crer que o resultado do exercício não vai se concretizar com os números tão elevados como esperado no início do ano.

O mercado ainda é positivo e os corretores de seguros resilientes, criativos não fogem de desafios. Há que se trabalhar mais, mas os resultados virão.

Sincor-SP

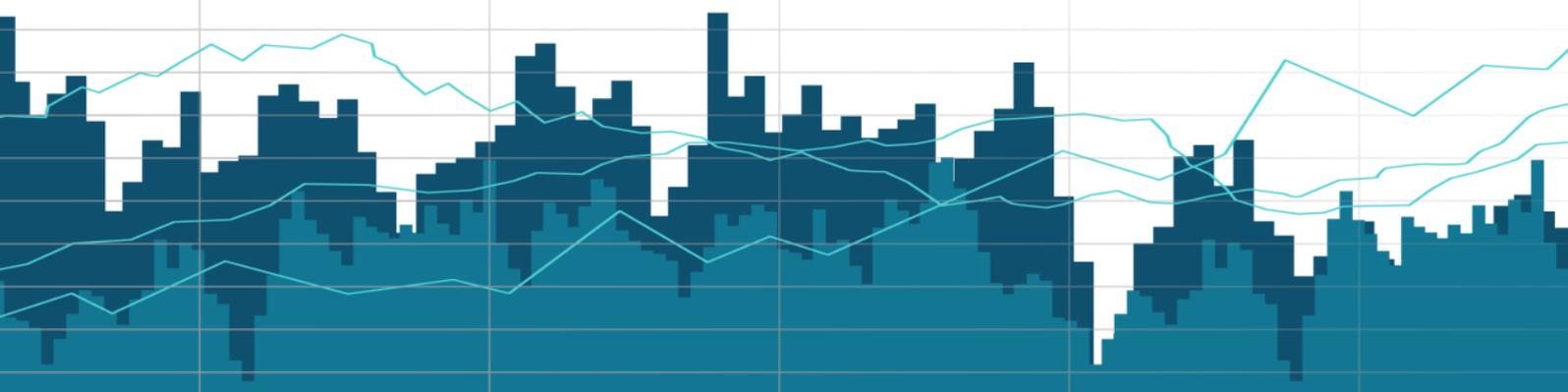


Objetivo

O objetivo desta **Carta de Conjuntura do Setor de Seguros** é ser uma avaliação mensal da quantidade de corretores e das diversas subdivisões de seus setores relacionados (resseguro, capitalização etc.). Além disso, aborda a correlação do setor de seguros com aspectos macroeconômicos do País e com outros segmentos da economia. Mensalmente, diversos tópicos desse setor são avaliados, com uma análise das suas tendências e projeções.

Nesse sentido, o estudo está dividido em seis capítulos:

- ✓ Inicialmente, a “Carta de Conjuntura”, com um resumo e as conclusões principais;
- ✓ No segundo capítulo, os números dos corretores de seguros no Estado de São Paulo, em suas diversas subdivisões;
- ✓ Em seguida, a análise da situação macroeconômica do País, com a divulgação de seus principais valores e expectativas;
- ✓ Na quarta parte, avaliação de diversos aspectos do setor de seguros, com a separação por ramos;
- ✓ Na quinta parte, uma análise de um ramo de seguros, avaliado de forma alternado;
- ✓ Por fim, no último capítulo, as projeções do mercado.



Setor atento ao cenário econômico nacional

Nos dados dos quatro primeiros meses de 2018, os números continuam positivos. Por exemplo, em comparação com o mesmo período do ano anterior, a variação de receita total está em 7%, com o DPVAT, e 8% sem levar em conta esse ramo no cálculo. Especificamente em ramos elementares, no mesmo raciocínio, o valor passa de 5% para 7%, com e sem DPVAT. Já o segmento de pessoas cresceu 11%, um destaque, superando com folga a taxa de inflação.

Entretanto, já existem sinais de estagnação em determinados números, o que vem preocupando os agentes econômicos. Por exemplo, citando alguns pontos positivos e negativos. Como positivos, a taxa de juros, as previsões inflacionárias e a produção de veículos. Mas, como pontos negativos, a diminuição de previsão de crescimento no Brasil em 2018 e o fim da queda na taxa de desemprego.

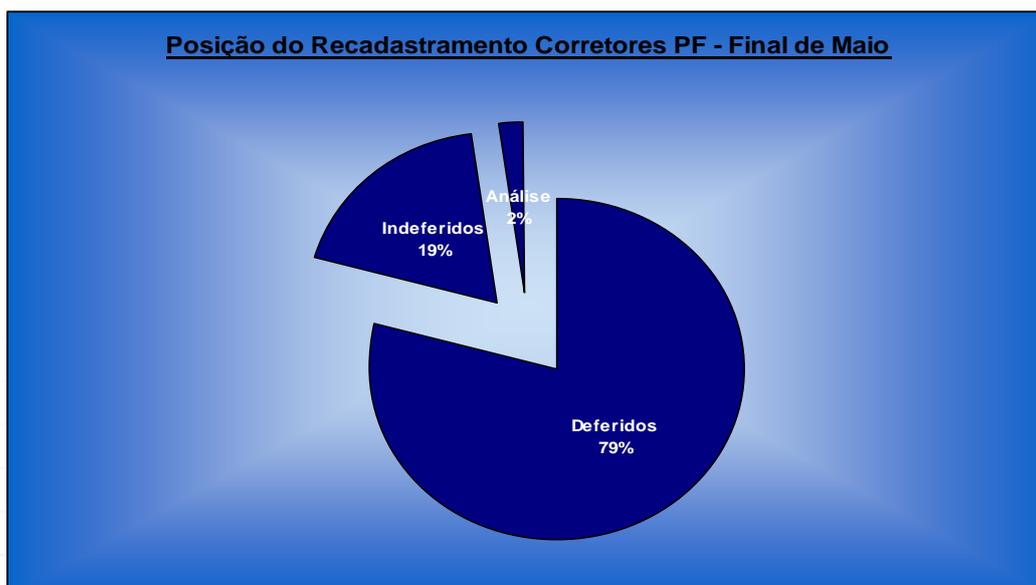
Nesse momento, um risco adicional é a instabilidade política no País, pois teremos um ano eleitoral pela frente e, dependendo do caso, haverá contaminação da realidade econômica, sobretudo em candidatos que sinalizem a ausência de reformas nos seus programas.

2. Estatísticas dos Corretores de SP

No ano passado, foi concluído o recadastramento dos corretores de seguros pessoas física (PF), quase dez anos após o último levantamento similar.

Em termos históricos, a região sudeste tem concentrado 65% a 70% de todos esses profissionais. Já especificamente o Estado de São Paulo, de 40% a 45% do montante do País. De um modo geral, a proporção dos corretores como um todo acompanha o próprio faturamento dos prêmios de seguros.

Segundo as estatísticas da Ibracor (Instituto Brasileiro de Autorregulação do Mercado de Corretagem de Seguros, de Resseguros, de Capitalização e de Previdência Complementar Aberta), ao final de maio, tinham sido abertos quase 55 mil processos no recadastramento. No gráfico abaixo, a posição existente. Na média, quatro em cada cinco foram deferidos.



3. Análise macroeconômica

O objetivo desse capítulo é analisar o comportamento de algumas variáveis macroeconômicas relevantes para o setor de seguros.

Inicialmente, na tabela 1, uma avaliação histórica dos dados: Inflação, cotação do dólar, produção e licenciamento de veículos, índices de confiança do comércio e da indústria, e, por fim, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Já na tabela 2, um comparativo dos números com os valores do ano passado, para o mesmo período.

TABELA 1 – INDICADORES RELEVANTES PARA O SETOR DE SEGUROS – MENSAL

Indicadores	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18	mai/18
IGP-M	0,76%	0,07%	0,64%	0,57%	1,38%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	3,1803	3,2428	3,3001	3,5035	3,7367
Veículos Produção (mil)	218,1	213,5	267,5	266,1	n.d.
Veículos Licenciados (mil)	181,2	156,9	207,4	217,3	n.d.
Índice de Confiança do Comércio (ICEC)	110,1	113,2	114,5	114,5	113,8
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	99,4	99,6	101,7	101,0	101,1
Taxa de desemprego (SEADE/RMSP)	16,2%	16,4%	16,9%	17,5%	n.d.

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA, SEADE

TABELA 2 – INDICADORES RELEVANTES PARA O SETOR DE SEGUROS – COMPARATIVO – VALORES ATÉ MAIO

Indicadores	2017	2018	Var. %
IGP-M	-1,30%	3,46%	-366%
Dólar de Venda, Final do Mês (R\$)	3,2364	3,7367	15%
Veículos Produção (mil)*	800,1	965,2	21%
Veículos Licenciados (mil)*	628,9	762,8	21%
Índice de Confiança do Consumidor (ICEC)	103,1	113,8	10%
Índice de Confiança da Indústria (ICI)	92,4	101,1	9%
Taxa de desemprego (SEADE/RMSP)*	18,6%	17,5%	-6%

*Até abril

Fontes: ANFAVEA, RENAVAN, FGV, CNI, CNC, IPEADATA, SEADE

A [tabela 3](#) apresenta a evolução média com algumas previsões econômicas, segundo estatísticas condensadas mensalmente pelo Banco Central, a partir de pesquisa com as principais instituições financeiras do País. Na [tabela 4](#), as previsões dos indicadores para o final de 2018, comparadas com os mesmos valores previstos há exatamente 12 meses.

TABELA 3 – PREVISÕES MÉDIAS – AO FINAL DE CADA MÊS – MENSAL

Indicadores	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18	mai/18
IPCA em 2018	3,95%	3,73%	3,54%	3,49%	3,60%
Dólar em final de 2018 (R\$)	3,30	3,30	3,30	3,35	3,48
Var. PIB em 2018 (%)	2,66%	2,89%	2,84%	2,75%	2,37%

Fonte: Boletim Focus, Bacen

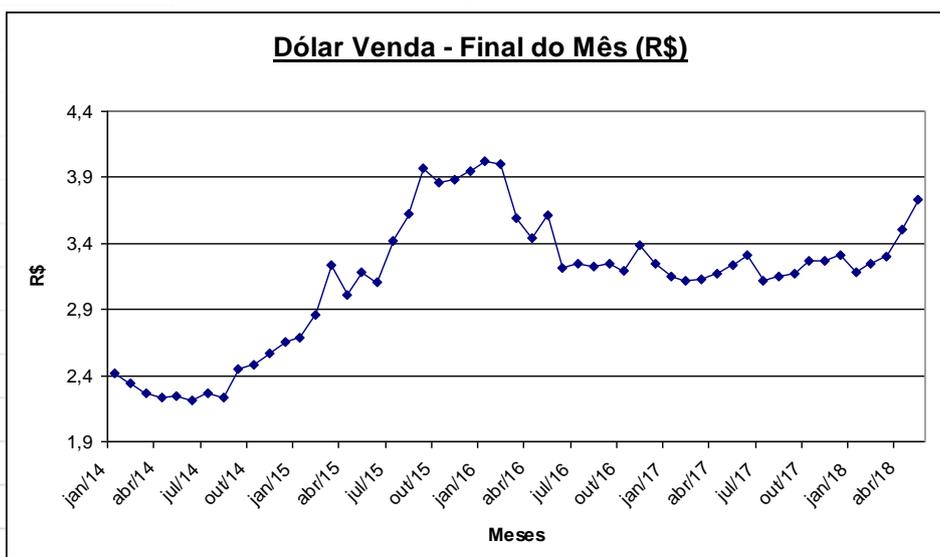
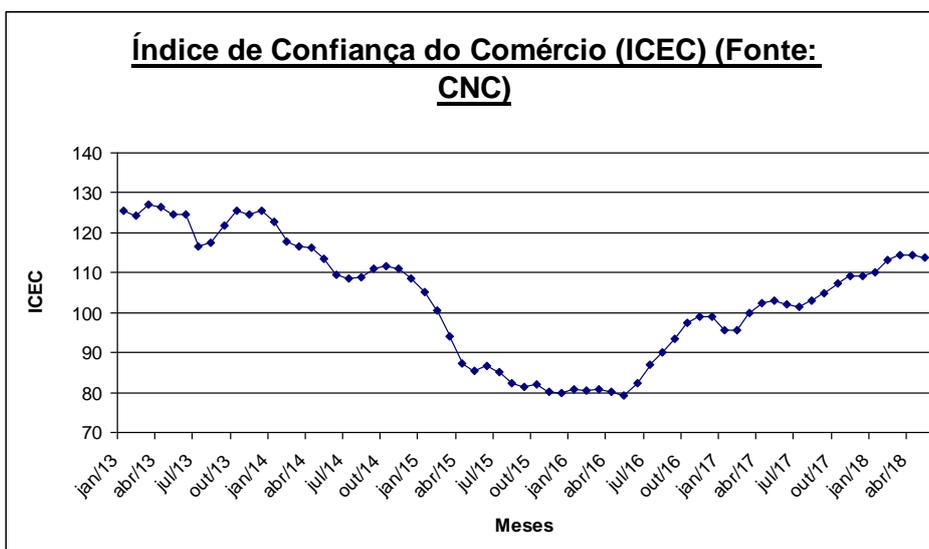
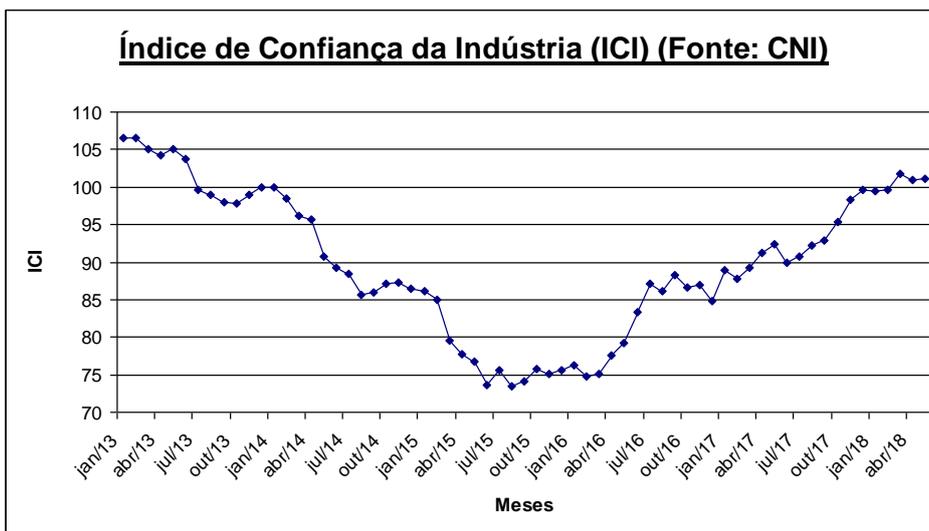
TABELA 4 – PREVISÕES MÉDIAS – COMPARATIVO – FINAL DE MAIO

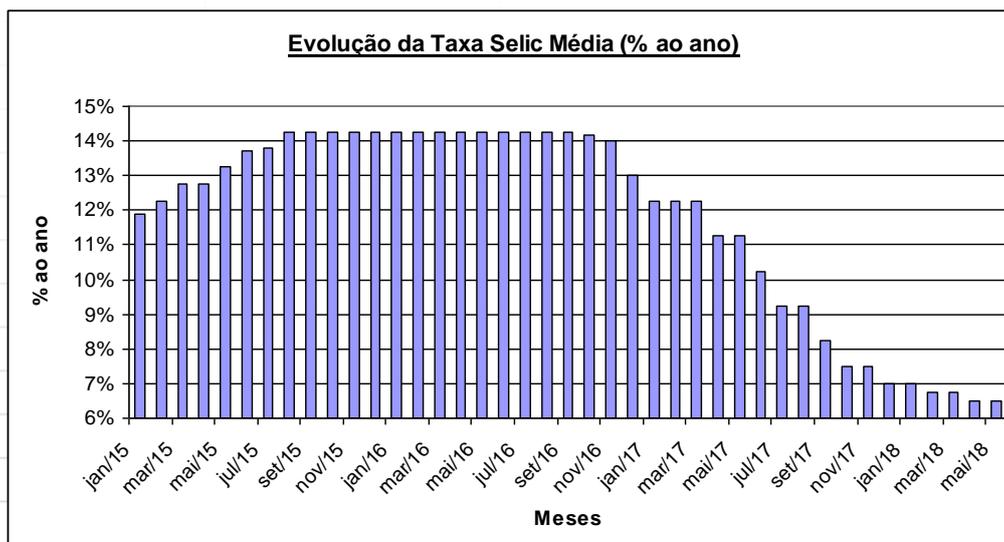
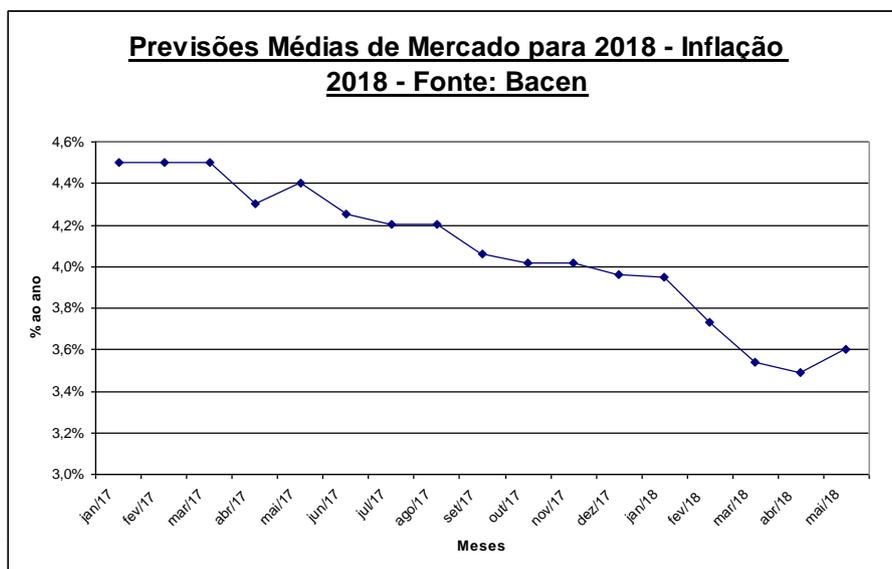
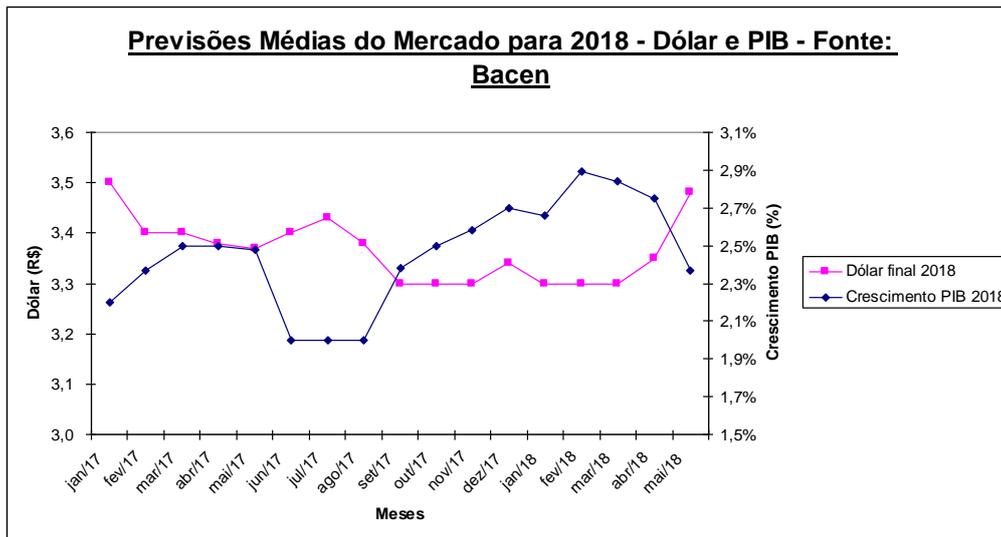
Indicadores	2017	2018	Var. %
IPCA em 2018	4,40%	3,60%	-18%
Dólar em final de 2018 (R\$)	3,37	3,48	3%
Var. PIB em 2018 (%)	2,48%	2,37%	-4%

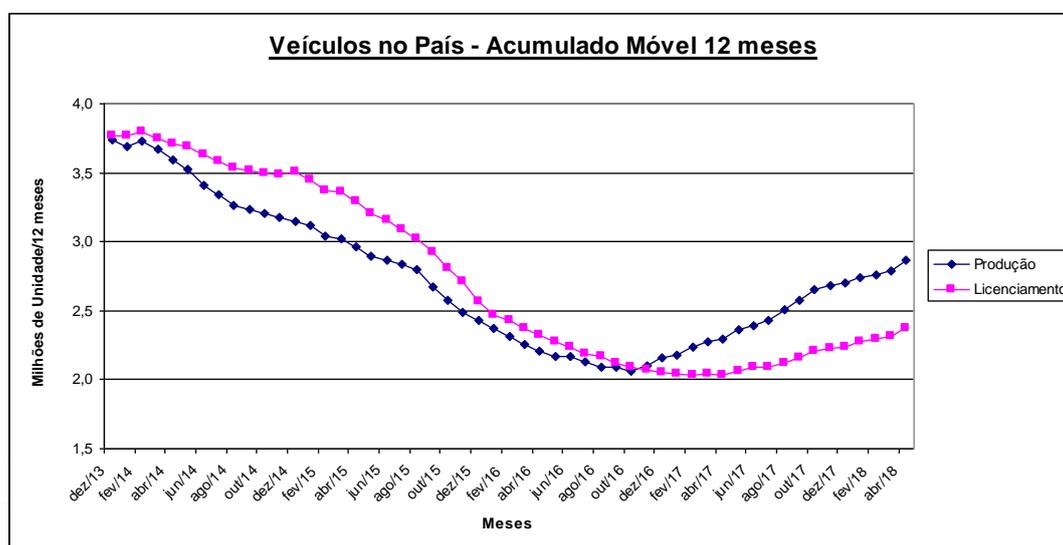
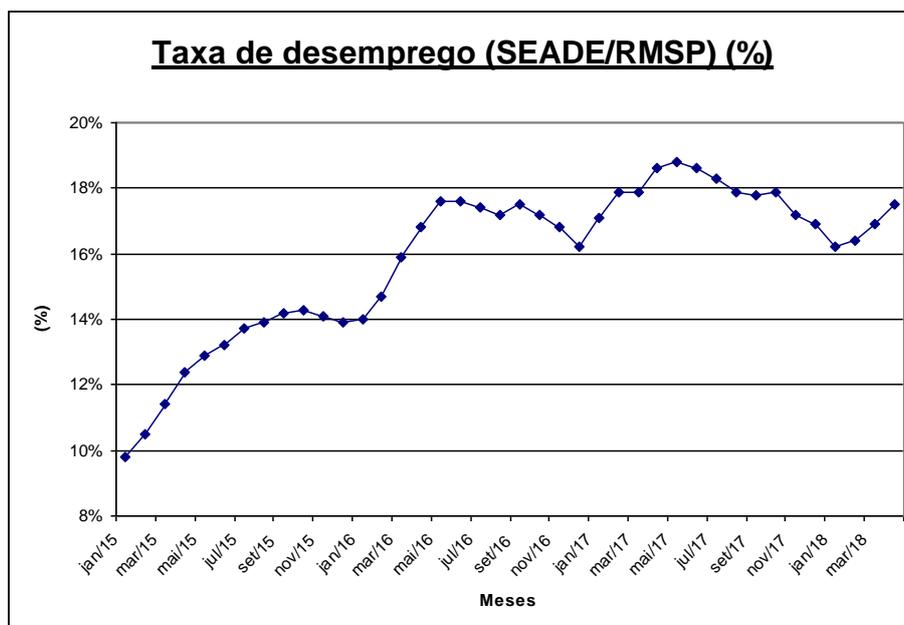
Fonte: Boletim Focus, Bacen

A seguir, gráficos selecionados com o comportamento de algumas dessas variáveis.

- ✓ Evolução do índice de confiança da indústria (ICI)
- ✓ Evolução do índice de confiança do comércio (ICEC)
- ✓ Cotação do dólar ao final de cada mês
- ✓ Evolução das previsões médias (câmbio e PIB) para 2018
- ✓ Evolução das previsões médias de inflação em 2018
- ✓ Taxa de juros Selic (valores anualizados)
- ✓ Taxa de desemprego (SEADE/RMSP)
- ✓ Veículos produzidos e licenciados, acumulado móvel 12 meses







Conforme comentado anteriormente, em 2015 e 2016, os números econômicos do País foram ruins. Em 2017, tivemos o início da recuperação de algumas variáveis. Com os primeiros dados de 2018, alguns indicadores já melhoraram. Entretanto, já há sinais de estagnação em determinados números, o que vem preocupando os agentes econômicos. Por exemplo, alguns pontos positivos e negativos. Como positivos, a taxa de juros, as previsões inflacionárias e a produção de veículos. Como pontos negativos, a diminuição de previsão de crescimento no País em 2018 e o fim da queda na taxa de desemprego.

Nesse momento, um fator de risco é a instabilidade política, já que teremos um ano eleitoral pela frente e, dependendo do caso, podemos ter uma contaminação à realidade econômica, sobretudo em candidatos que sinalizem a ausência de reformas nos seus programas.

4. Análise do setor de seguros

4.1. Receita de seguros

O objetivo desse capítulo é fazer a análise do comportamento de algumas variáveis do setor de seguros. Inicialmente, a evolução da receita. A seguir, esses números.

**TABELA 5 – FATURAMENTO DO SETOR – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	dez/17	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18
Receita de Seguros (1)	9,513	9,030	7,954	9,043	8,777
Receita VGBL + Previdência	12,699	7,617	7,673	10,872	10,537
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	22,212	16,647	15,627	19,915	19,314

(1) Sem saúde

**TABELA 6 - FATURAMENTO DO SETOR – ATÉ ABRIL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	2017	2018	Var. %
Receita de Seguros (1)	32,5	34,8	7%
Receita VGBL + Previdência	37,2	36,7	-1%
Receita Total de Seguros (sem Saúde)	69,8	71,5	3%

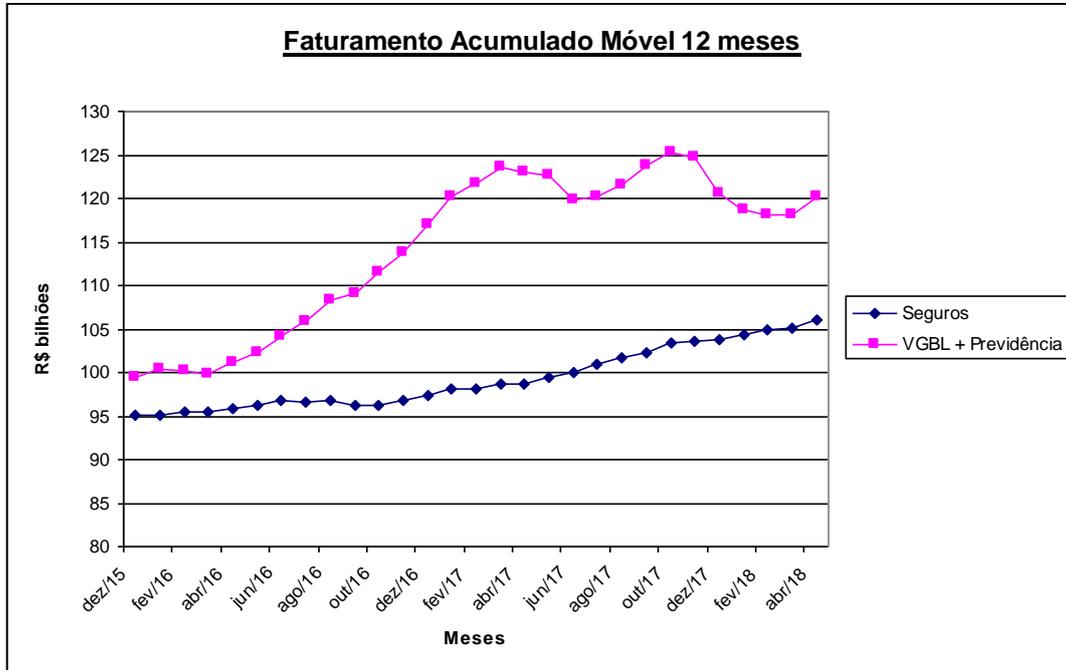
(1) Sem saúde

Nos ramos típicos de seguros (por exemplo, automóvel, pessoas, residencial, empresarial etc.), mas ainda sem considerar as operações de saúde suplementar, a variação acumulada foi de mais 7%, em valores até abril de 2018, contra valores até abril de 2017.

Conforme já ressaltado em relatórios anteriores, tal valor é influenciado pela queda da receita do seguro DPVAT. Caso esse ramo fosse excluído nos dois períodos citados, a variação acumulada passaria de 7% para 8%.

Já nos produtos do tipo VGBL, um produto com características mais financeiras, de acumulação, houve uma pequena queda até o momento, quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Mesmo que o segmento ainda tenha uma evolução positiva, não deve ser a mesma como em exercícios anteriores.

A seguir, temos um gráfico com o faturamento acumulado móvel 12 meses dos segmentos Seguros e VGBL+Previdência, citados na tabela anterior.



4.2. Receita de seguros por tipo

Nesse capítulo, segregamos a análise do faturamento do setor de seguros em duas opções – pessoas¹ e ramos elementares (RE)².

**TABELA 7 – FATURAMENTO DO SETOR – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Valores	dez/17	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18
Receita de Pessoas	3,222	2,835	2,886	3,066	3,080
Receita de RE	6,291	6,195	5,068	5,977	5,697
Receita de Seguros	9,513	9,030	7,954	9,043	8,777

**TABELA 8 – FATURAMENTO DO SETOR – ATÉ ABRIL
VALORES EM R\$ BILHÕES – COM DPVAT**

Valores	2017	2018	Var. %
Receita de Pessoas	10,7	11,9	11%
Receita de RE	21,9	22,9	5%
Receita de Seguros	32,5	34,8	7%

Nos últimos dois anos, os valores de ramos elementares estão influenciados pela queda do seguro DPVAT. Na [tabela 9](#), esse ramo está expurgado do cálculo, nos dois anos mencionados.

**TABELA 10 – FATURAMENTO DO SETOR – ATÉ ABRIL
VALORES EM R\$ BILHÕES – SEM DPVAT**

Valores	2017	2018	Var. %
Receita de Pessoas	10,7	11,9	11%
Receita de RE (sem DPVAT)	20,4	21,8	7%
Receita de Seguros (sem DPVAT)	31,0	33,7	8%

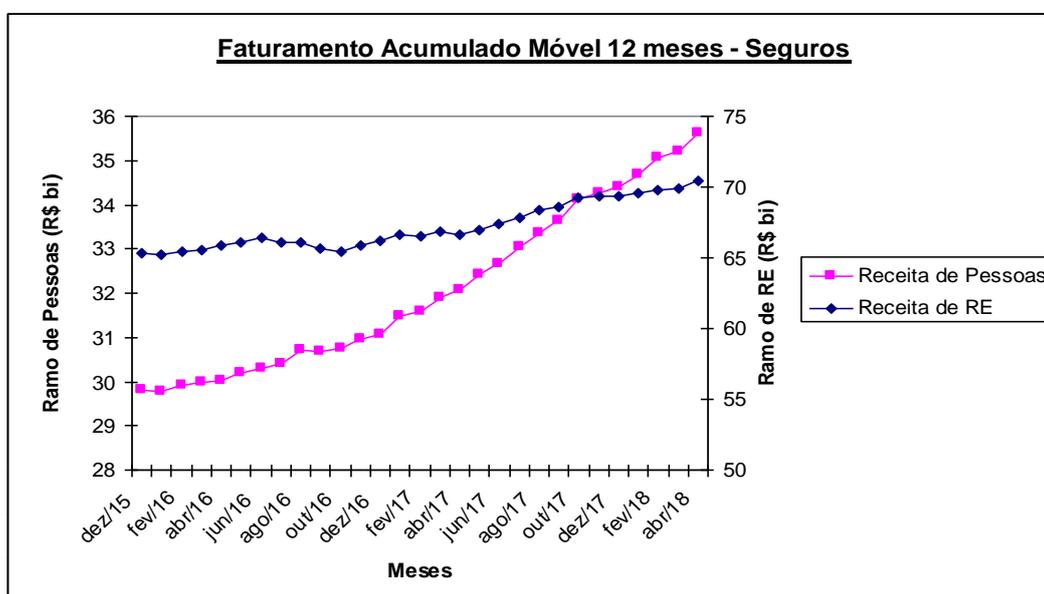
Na análise total do segmento de seguros, até agora, a variação em 2018 está em 7%, com o DPVAT e 8% sem levar em conta esse ramo no cálculo. Especificamente em ramos elementares, no mesmo raciocínio, o valor passa de 5% para 7%, com e sem DPVAT, uma variação expressiva. Já o segmento de pessoas cresceu 11%, um destaque nesse exercício, superando com folga a taxa de inflação. Isso tem acontecido nos últimos anos.

Na [tabela 10](#), uma evolução das variações, ano a ano, como comparação. No ano de 2018, os valores são até este momento.

TABELA 10 – EVOLUÇÃO DAS VARIAÇÕES

Valores	2014/2015	2015/2016	2016/2017	2017/2018e
Receita de Pessoas	7%	4%	11%	11%
Receita de RE	4%	1%	5%	5%
Receita de Seguros	5%	2%	7%	7%

Observa-se que, nos últimos anos, o segmento de pessoas sempre superou o segmento de ramos elementares, em termos de faturamento. Abaixo, a evolução desses negócios.



4.3. Receita de resseguro local e capitalização

Escolhemos dois outros segmentos importantes ligados ao setor de seguros: os mercados de resseguro local e de capitalização.

**TABELA 11 – FATURAMENTO DE OUTROS SETORES – MENSAL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Receita	dez/17	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18
Resseguro Local	0,641	0,752	0,595	0,535	n.d.
Capitalização	2,135	1,724	1,534	1,793	1,754

**TABELA 12 – FATURAMENTO DE OUTROS SETORES – ATÉ ABRIL
VALORES EM R\$ BILHÕES**

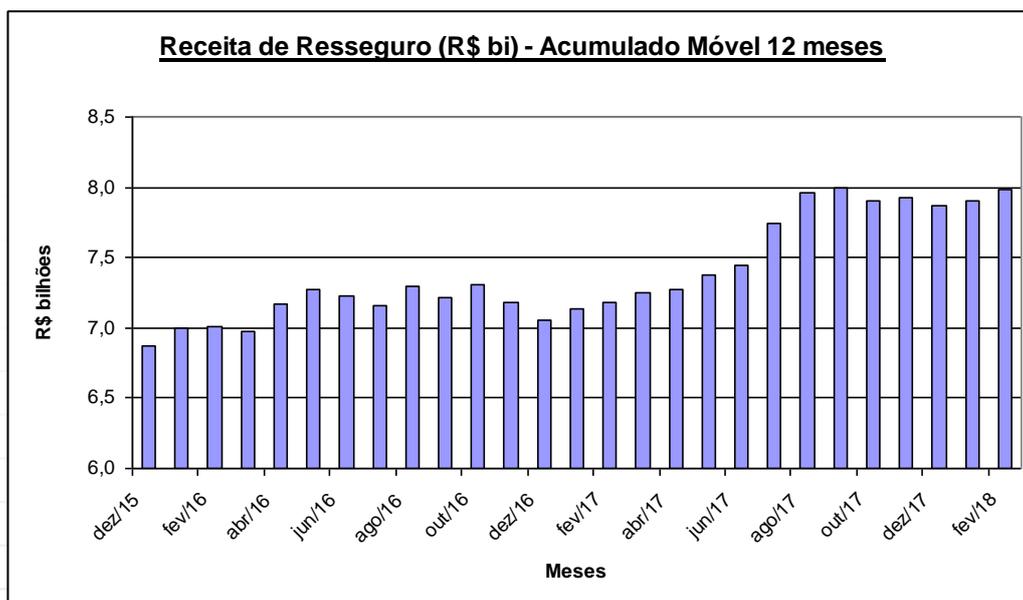
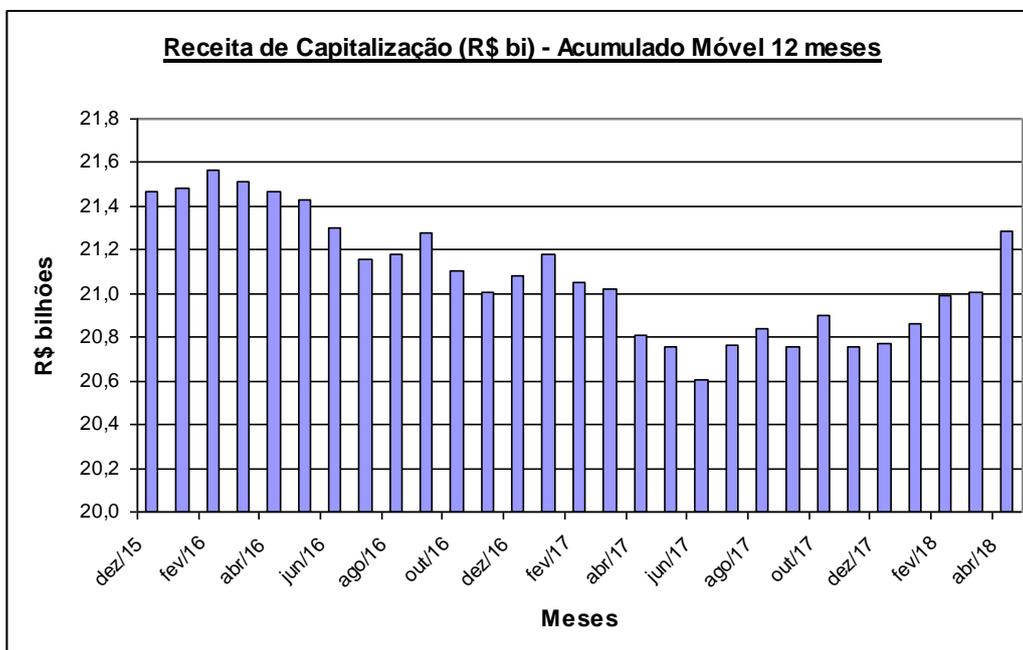
Valores	2017	2018	Var. %
Receita de Resseguro Local*	1,8	1,9	5%
Receita de Capitalização	6,3	6,8	8%

*Até março

Nos últimos anos, a evolução do segmento de capitalização teve uma taxa de crescimento baixa. Ressalte-se que esse foi um fenômeno análogo ao ocorrido em outros ativos populares da economia (caderneta de poupança, por exemplo, com mais saques do que depósitos). Em 2017, o cenário se repetiu. Para 2018, porém, já temos reversão dos números, com uma variação positiva nos valores, superando as taxas de inflação.

Já o mercado de resseguro teve um comportamento mais favorável, com taxas positivas nos últimos anos, quando fazemos uma análise de valores acumulados. Em 2018, essa tendência continuou.

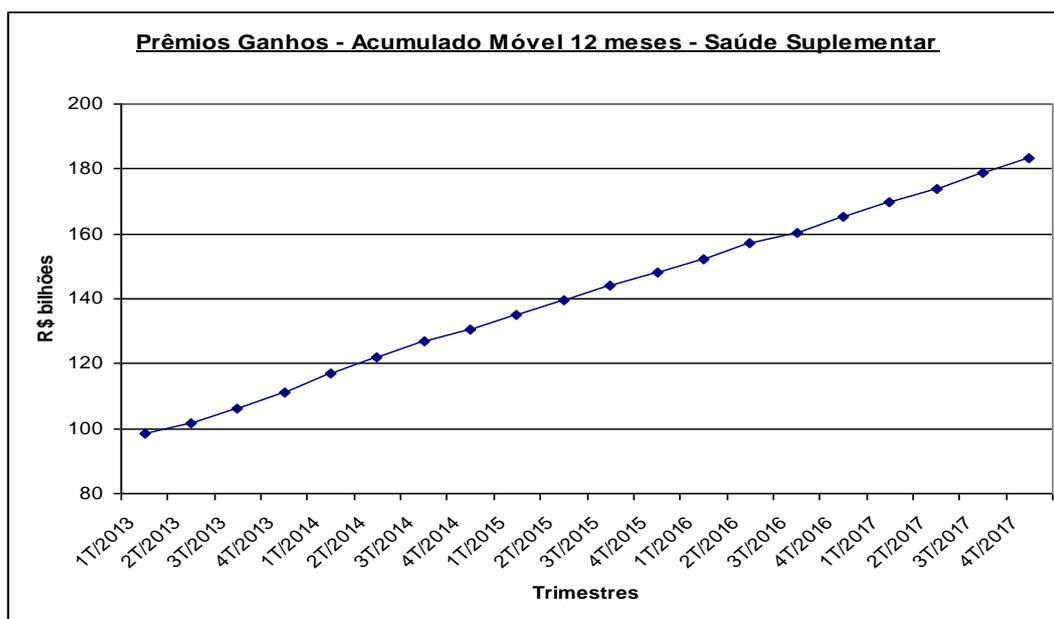
A seguir, gráficos com os faturamentos acumulados móveis 12 meses dessas duas contas, quando é possível avaliar e comparar a diferença de comportamentos desses mercados, comentados acima.



4.4. Receita do segmento de saúde suplementar

A seguir, apresentamos a receita acumulada móvel (Prêmios Ganhos) 12 meses de todo o segmento de saúde suplementar, com dados atualizados até o 4º trimestre de 2017 (a informação disponível nesse momento). Em tal segmento, temos um faturamento médio de quase R\$ 45 bilhões por trimestre.

Nesse caso, há certa defasagem na divulgação das informações desse mercado específico (produzidas pela ANS), quando comparadas ao setor de seguros como um todo (informações vindas da SUSEP).



Em termos de crescimento, a evolução desse ramo tem sido relativamente constante. Historicamente, com uma variação média de crescimento de 10% a 15% ao ano, sofrendo influência da inflação médica, em geral, acima dessa taxa média da economia.

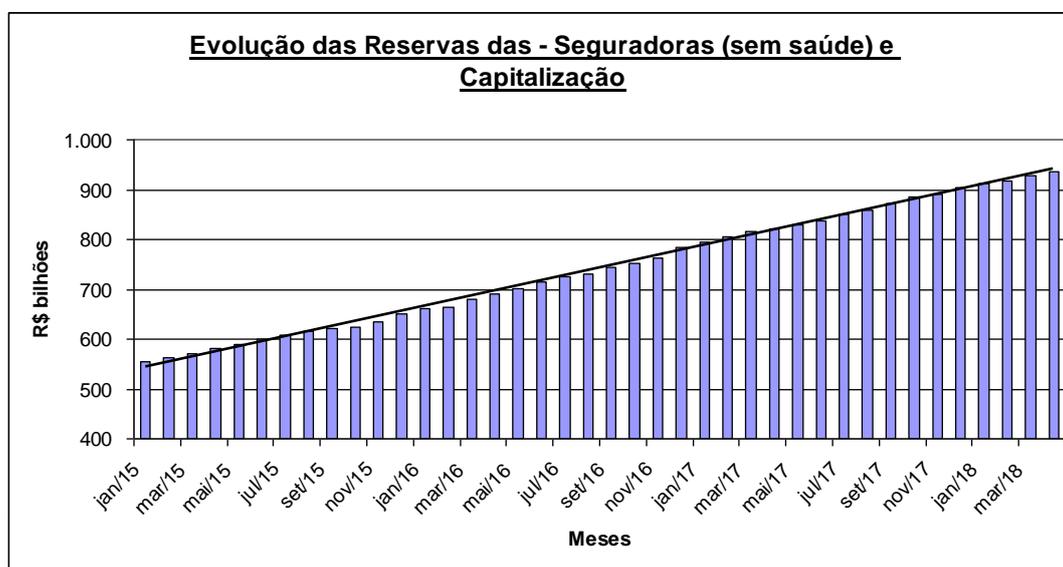
4.5. Reservas

Nesse capítulo, analisamos a evolução do saldo de reservas do setor de seguros (nesse caso, considerando também o segmento de capitalização).

TABELA 13 – RESERVAS – MENSAL – VALORES EM R\$ BILHÕES

Valores	dez/17	jan/18	fev/18	mar/18	abr/18
Seguro	874	883	889	899	907
Capitalização	29	29	29	29	29
Total das Reservas	903	912	918	928	936

Abaixo, gráfico com a evolução das reservas. O comportamento favorável nos últimos meses se deve, sobretudo, à evolução do VGBL.



Observa-se que a tendência é praticamente linear. Analisando a evolução dos números, ao final de 2014, o saldo era de R\$ 550 bilhões, com variação de 17% em relação ao ano anterior. Já em 2015, o valor foi de R\$ 650 bilhões, uma variação de 18% em relação ao ano anterior. Em 2016, o patamar ultrapassou R\$ 780 bilhões, com variação de 20% no exercício. Em 2017, o valor ultrapassou os R\$ 900 bilhões. Para 2018, deve superar o montante de R\$ 1 trilhão.

4.6. Rentabilidade do setor

As tabelas abaixo mostram a evolução do setor nos últimos anos, de 2013 a 2016, em termos de lucro líquido e patrimônio líquido.

TABELA 14 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2013	2014	Varição
Seguradoras	15,7	17,7	13%
Resseguro	0,3	0,7	154%
Capitalização	1,4	1,9	36%
Total	17,3	20,2	17%
Patrimônio Líquido	2013	2014	Varição
Seguradoras	72,0	75,6	5%
Resseguro	5,0	5,9	20%
Capitalização	5,1	4,0	-21%
Total	82,1	85,5	4%

TABELA 15 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2014	2015	Varição
Seguradoras	17,7	19,7	11%
Resseguro	0,7	0,9	38%
Capitalização	1,9	1,6	-13%
Total	20,2	22,3	10%
Patrimônio Líquido	2014	2015	Varição
Seguradoras	75,6	71,6	-5%
Resseguro	5,9	6,4	8%
Capitalização	4,0	3,5	-13%
Total	85,5	81,5	-5%

TABELA 16 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2015	2016	Varição
Seguradoras	19,7	17,5	-11%
Resseguro	0,9	1,1	20%
Capitalização	1,7	1,8	5%
Total	22,3	20,4	-8%
Patrimônio Líquido	2015	2016	Varição
Seguradoras	71,6	81,2	13%
Resseguro	6,4	7,0	9%
Capitalização	3,5	3,6	1%
Total	81,5	91,7	12%

Observa-se de 2013 a 2015, o lucro desses três tipos de companhia conseguiu evoluir de forma favorável, em trajetória crescente, apesar de a situação da economia. Porém, na análise de 2016, a rentabilidade sofreu de forma mais intensa. Em termos nominais, a tendência de crescimento positivo de anos anteriores quebrou. Por exemplo, de 2015 para 2016, o montante acumulado de lucro líquido caiu 8%, de R\$ 22,3 bilhões para R\$ 20,4 bilhões.

TABELA 17 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ DEZEMBRO – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2016	2017	Varição
Seguradoras	17,5	16,8	-4%
Resseguro	1,1	1,3	16%
Capitalização	1,8	1,4	-20%
Total	20,4	19,5	-4%
Patrimônio Líquido	2016	2017	Varição
Seguradoras	81,2	88,3	9%
Resseguro	7,0	7,4	8%
Capitalização	3,9	4,5	16%
Total	92,1	100,2	9%

Em dados de 2017, quando comparados ao mesmo período de 2016, a trajetória do lucro acumulado total continuou negativa (queda de 4%), como ocorrido de 2015 para 2016. Porém, em uma taxa bem menor. Em 2018, já observamos reversão nos números. O gráfico abaixo e a [tabela 18](#) sintetizam essa situação.

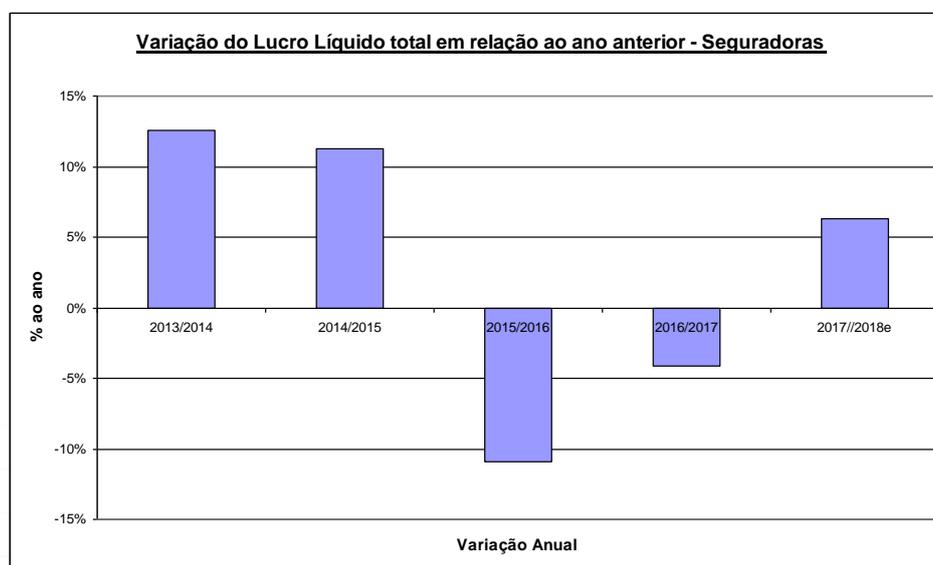


TABELA 18 – VALORES ACUMULADOS – ATÉ ABRIL – R\$ BILHÕES

Lucro Líquido	2017	2018	Varição
Seguradoras	5,5	5,9	6%
Resseguro*	0,3	0,3	18%
Capitalização	0,6	0,5	-21%
Total	6,3	6,6	4%
Patrimônio Líquido	2017	2018	Varição
Seguradoras	83,8	86,1	3%
Resseguro*	6,8	7,1	5%
Capitalização	4,2	4,7	13%
Total	94,7	98,0	3%

*Até março

5. Análise do setor de seguros

Esse capítulo faz uma análise sucinta de um ramo de seguros. Em cada mês, será escolhido um produto para ser analisado com o apoio de cada Comissão responsável do Sincor-SP. Nessa edição, iremos analisar o seguro de transporte internacional.

A tabela 19 apresenta alguns dados econômicos desse produto e, na tabela 20 e 21, informações estratégicas, com o apoio da comissão responsável.

TABELA 19 – DADOS ECONÔMICOS – SEGURO DE TRANSPORTE INTERNACIONAL EM 2017

Variáveis	Descrição
Prêmios	R\$ 420 milhões por ano
Quantidade de Seguradoras	20 empresas com faturamento acima de R\$ 5 milhões por ano
Taxa de Crescimento	Queda de 5% no último ano
Concentração	As cinco primeiras seguradoras faturaram 56% do total

TABELA 20 – INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS DO SEGURO

Perguntas	Respostas
Quais são os desafios e oportunidades desse tipo de produto para o mercado como um todo?	<ul style="list-style-type: none"> Esse segmento avança com o desenvolvimento econômico do País. Quanto mais o Brasil importar ou exportar, maiores as chances de crescimento dessa modalidade.
Como o corretor pode vender mais esse seguro? Quais as sugestões?	<ul style="list-style-type: none"> Estudar o funcionamento do comércio exterior, divulgar nas empresas importadoras a necessidade “absoluta” de haver a contratação do seguro de importação e atuar nas empresas exportadoras mostrando que existem atrativos para que o seguro de exportação seja contratado no Brasil.

Fonte: Comissão de Transportes e Cascos Marítimos do Sincor-SP

TABELA 21 – INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS DO SEGURO

Perguntas	Respostas
<p>Como a comissão vê a situação do seguro de importação hoje?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma necessidade básica para os importadores, pois a maioria desconhece as vantagens de contratar esse seguro. Ao contrário do seguro de transporte nacional, o seguro de transporte internacional nunca foi um seguro obrigatório, mas desde a resolução 3/1971 do CNSP, o Brasil determinou que, se fosse contratado, teria que ser feito no País. Infelizmente, a Resolução 180/2007 do CNSP revogou a 3/71, voltando a permitir a importação CIF e CIP no Brasil. Na resolução, é alegado que foi por motivo das alterações introduzidas pela Lei Complementar 126/2007, mas não entendemos ser verdadeira essa afirmação, pois essa limitação está na competência do CNSP. A Lei complementar não é taxativa nesse assunto e aborda de uma forma genérica, pois existem ramos de seguro que também se utilizam desse mecanismo. A proteção dessa contratação no Brasil era a 3/71. Nessa situação, as empresas no exterior que exportam CIF para o Brasil são beneficiadas, pois o seguro contratado se inicia na planta do exportador e termina no porto/ aeroporto brasileiro. Nenhuma seguradora internacional deseja cobrir em território brasileiro, o que força nosso importador a tornar a contratar um seguro, dessa vez o transporte nacional, para levar a carga do porto/ aeroporto de chegada até sua fábrica, encarecendo assim o custo final do nosso produto, e normalmente com cobertura reduzida nessa apólice. • Se houvesse a proibição de se importar CIF ou CIP, não haveria remessa de dólar ao exterior; haveria dedução de custo final, pois se contrataria um seguro apenas; o seguro é de interesse direto do importador e não do exportador. Entendemos haver a necessidade da revogação da Resolução CNSP 180/2007.
<p>Como a comissão vê a situação do seguro de exportação hoje?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Normalmente contratado pelo importador no país estrangeiro, torna-se um desafio aos nossos corretores, fomentar a venda dessa modalidade junto aos exportadores brasileiros, pois há vantagens interessantes em se oferecer nossas mercadorias já com o seguro. Precisa haver uma cultura dessa prática no Brasil.

Fonte: Comissão de Transportes e Cascos Marítimos do Sincor-SP

6. Previsões

O comportamento da economia tem influência direta no mercado de seguros³. Assim, a hipótese é de que o segmento perde pela queda do PIB, ocorrido nos últimos anos. Em 2017, já registramos reação nesses números. Na tabela abaixo as seguintes as projeções para 2018.

**TABELA 22 – ESTIMATIVAS PARA 2018
VALORES EM R\$ BILHÕES**

Receita	2015	2016	2017	2018e	Var. 15/16	Var. 16/17	Var. 17/18
Seguros	95,1	97,3	103,7	113	2%	7%	9%
Saúde Suplementar	148,2	165,2	183,4	205	11%	11%	12%
Seguros e Saúde Supl.	243,3	260,3	287,1	318	7%	10%	11%
VGBL+ Prev.	99,4	117,0	120,6	127	18%	3%	5%
Total do Segmento	342,7	377,3	407,7	445	10%	8%	9%
Capitalização	21,5	21,0	20,8	23	-2%	-1%	10%
Resseguro Local	6,5	7,2	7,9	9	10%	10%	10%
Total dos setores	370,7	401,3	436,4	477	8%	9%	9%
Reservas em dez	2015	2016	2017	2018e	Var. 15/16	Var. 16/17	Var. 17/18
Total	650	782	903	1.029	20%	15%	14%

De 2013 para 2014, o setor de seguros cresceu 10%; de 2014 para 2015, 5%; de 2015 para 2016, 2%; e, de 2016 para 2017, 7%. Ou seja, uma recuperação. Nesse caso, ainda que considerando o DPVAT, que teve um comportamento ruim no ano passado. Para 2018, a estimativa (considerando já a queda do DPVAT) é de 9%. Quando considerado os produtos das operadoras de saúde, a variação em 2017 é de mais 10% contra 7% em 2016. Em 2018, a variação seria de 11%.

Nos últimos anos, os produtos VGBL puxaram o setor, mas em 2017 e 2018, o comportamento é menos expressivo. Já as reservas têm tido a mesma faixa de variação. Ou seja, em torno de 15% ao ano.

Para 2018, em princípio, pelo maior crescimento do PIB, a estimativa é que o mercado de seguros supere os números de 2017. Entretanto, teremos também o efeito do seguro DPVAT, pois houve um novo ajuste nos preços no final do ano passado.

³ Detalhes sobre o crescimento da participação do seguro na economia:
http://www.ratingdeseguros.com.br/pdfs/92_Curva_S_em_Seguros_06-01-2012.pdf

REALIZAÇÃO:



www.sincorsp.org.br



**RATING DE SEGUROS
CONSULTORIA**

www.ratingdeseguros.com.br